

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO – SEEDUC
SECRETARIA REGIONAL METROPOLITANA IV
CIEP 362 – ROBERTO BURLE MARX

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO – PPP

**A RELEVÂNCIA DO CIEP ROBERTO BURLE MARX PARA A COMUNIDADE
GUARATIBANA**

MARCIO LUIS FERNANDES

ILHA DE GUARATIBA, FEVEREIRO DE 2025

INTRODUÇÃO

No último biênio (2023-2024), o projeto político-pedagógico (PPP) do CIEP 362 – Roberto Burle Marx teve como tema “Lendo o mundo, resgatando saberes, (re)construindo a escola”. Pensamos que - para dar conta de abarcar a leitura do nosso mundo vivido, o resgate dos nossos saberes tradicionais e a reconstrução de nossa escola – torna-se necessário o resgate de nossa identidade. O nosso bairro possui uma identidade que não deve ser negligenciada. Da mesma forma, a prática pedagógica em nossa Unidade Escolar deve estar associada às nossas especificidades históricas, geográficas, culturais e assim por diante. Pensamos que seria uma temeridade conceber uma escola, uma pedagogia, desconexa do contexto em que o nosso querido CIEP-362 inserido. Neste sentido, o presente texto tem como objetivo trazer uma abordagem histórica e geográfica de Ilha de Guaratiba, incluindo o CIEP que é parte integrante do lugar, a fim de tornar possível o resgate dos saberes locais atrelados à nossa identidade. Começamos esta jornada trazendo um resumo da longa construção geográfica de Ilha de Guaratiba.

ILHA DE GUARATIBA EM SEUS CONTEXTOS PRETÉRITOS E HODIERNOS

Ilha de Guaratiba é um lugar que pode ser utilizado como exemplo para traduzir o processo de expansão da nossa cidade. A porção periférica da zona oeste do Rio de Janeiro passa, atualmente, por uma verdadeira marcha urbanizadora, uma vez que sua pretérita configuração rural-agrícola vem sendo substituída pela hodierna tendência urbano-residencial. A crescente especulação imobiliária em voga na localidade teve seu início na década de 1970, intensificando-se nos últimos anos da década de 1990. Este processo tem metamorfoseado Ilha de Guaratiba em um dos veios do espraiamento da urbe carioca nos últimos anos. O evento em questão tem estimulado uma considerável mobilidade em direção ao lugar. O local bucólico, visitado esporadicamente por proprietários de residências secundárias – tradicional produtor agrícola – passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente. A localidade em tela há anos é apresentada como o mais provável alvo sobre o qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário. Muitos especialistas apontam que a cidade do Rio de Janeiro crescerá em direção à Ilha de Guaratiba.

A toponímia “Ilha” teria surgido a partir de uma corruptela do nome do inglês William que teria vindo em meio à escolta inglesa que protegia a Família Real portuguesa em sua passagem pela antiga Terra de Santa Cruz, em 1808, passando a residir no oeste do município do Rio de Janeiro. Como os nativos não se esmeravam em pronunciar corretamente o seu nome, passaram a chamá-lo de “Wílha”, seu “Ilha de Guaratiba” e, por fim, “Ilha de Guaratiba”. Já o topônimo “Guaratiba” derivou-se do grande número de aves pernaltas que povoavam o local – os guarás. Como o vocábulo “tiba”, em tupi-guarani, significa fartura, Guaratiba, etimologicamente, quer dizer “abundância de guarás”. Nestes termos, o topônimo Guaratiba surge a partir vocábulos indígenas.

A longa construção geográfica de Ilha de Guaratiba remonta a 1579, ano em que Manuel Velloso recebeu da Coroa Portuguesa uma gleba de aproximadamente 52 Km² para fixar residência. Falamos da antiga sesmaria de Guaratiba, criada anos após a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A citada porção espacial, entretanto, era habitada pelos índios Tupi-Guaranis, prováveis descendentes do “homem pré-histórico de Guaratiba”, tendo este chegado à localidade há milhares de anos. A rotina dos indígenas só se alterou com a chegada de Manoel Velloso que, - juntamente com a esposa, Jerônima Cubas, filha de Brás Cubas, - veio morar na recém-constituída sesmaria de Guaratiba com os outros membros de sua família e, a partir de então, passou a edificar e administrar engenhos de produção de açúcar e aguardente para exportação.

Na segunda metade do século XVI, e no seguinte, Guaratiba representava uma grande propriedade rural onde sobrepunham os engenhos de açúcar, as fazendas de criação de bois e de cavalos e as roças de legumes. Nessa época, sua expansão fazia-se rapidamente, graças ao trabalho árduo dos descendentes de Velloso. Ao final do século XVIII muitos engenhos multiplicavam-se, dentre eles o Engenho Novo, o Engenho de Guaratiba, o Engenho da Ilha e o Engenho do Morgado, outrora pertencente ao padre João Pereira de Cerqueira, atual alambique dos mudinhos. Para escoar a produção, abriu-se caminho mangue adentro, uma vez que o Rio do Portinho precisava ser desobstruído a fim de conferir suporte a esta demanda. Em alguns livros sobre as geografias guaratibanas, há relatos sobre o naufrágio de alguns barcos no referido rio, quando era escoada a produção de açúcar do Engenho do Morgado. À cultura canavieira e aos engenhos de açúcar, assomaram-se, a partir do século XIX, os cafezais, cultivados nos morros de Ilha de Guaratiba.

Ao longo dos séculos, as culturas canavieira e cafeeira, bem como as demais atividades rurais supracitadas, imprimiram no lugar marcas que caracterizaram Ilha de Guaratiba até a segunda metade do século XX. A grande produção agrícola de outrora, fez de Guaratiba uma das mais ricas e prósperas freguesias do Rio antigo nos séculos XVIII e XIX, até que uma grande seca, a partir de 1888, consumiu suas plantações. No contexto da porção periférica da cidade, até a primeira metade do século passado, Ilha de Guaratiba representava o denominado “sertão carioca”, sendo o seu ruralismo e rusticidade foco de um importante trabalho do pesquisador Magalhães Corrêa em 1936. Por residirem em um local periférico, distante da área central, muitas vezes, os moradores de Ilha de Guaratiba são alvo de brincadeiras e gozações por parte dos que residem em bairros mais conhecidos da cidade.

Até a década de 1990, Ilha de Guaratiba, vale repetir, era caracterizada como um dos últimos remanescentes rurais do Rio – produtora de frutas, verduras e legumes. A partir deste período, no entanto, o local bucólico, frequentado esporadicamente por proprietários de residências secundárias, passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente.

A decadência da produção agrícola transformou Ilha de Guaratiba em uma área de notória cobiça imobiliária evidenciada pelos condomínios residenciais surgidos depois de 1990. Vale salientar que os novos residentes, em sua maioria, migraram de bairros da Zona Sul e outras localidades como Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Tijuca e Jacarepaguá em busca de um contato mais próximo com a natureza.

Na verdade, desde os primeiros séculos de colonização, os aterros contribuíram para a expansão urbana do Rio. Com o crescimento da cidade, o homem venceu elevações promovendo a perfuração de túneis, tais como o Rua Alice/Barão de Petrópolis, em 1887, e o chamado Túnel Velho, em 1892, conectando Botafogo a Copacabana. Mais recentemente, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca.

Na atual corrida para o oeste, a aludida marcha urbanizadora continua incorporando novas áreas ao seu valorizado espaço. Nesse sentido, com vistas às Olimpíadas de 2016, o Túnel da Grota Funda, inaugurado em 2012, que faz parte do corredor Transoeste, integra Ilha de Guaratiba, definitivamente, à malha urbana carioca.

Nas linhas seguintes, falaremos um pouco sobre a necessidade de uma escola secundária em Ilha de Guaratiba até a década de 1990. Neste enlace, vale ressaltar a importância do CIEP 362 – Roberto Burle Marx para a comunidade guaratibana após a sua construção.

A CONSTRUÇÃO DO CIEP 362 – ROBERTO BURLE MARX E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMUNIDADE GUARATIBANA

Por sua localização geográfica – forjada no extremo oeste do município do Rio de Janeiro – e características atreladas às suas tradicionais atividades agrícolas, Ilha de Guaratiba sempre foi um bairro carente no tocante aos equipamentos públicos. Até o início dos anos 1990, os moradores locais que desejavam fazer o ensino secundários eram obrigados a se deslocar por mais de 20 quilômetros para o bairro de Campo grande. Isso porque no bairro não havia nenhuma escola que oferecia esta modalidade de ensino.

Por tudo isso, a comunidade local sempre buscou - por meio abaixo-assinados, protestos e outras manifestações – chamar a atenção do poder público para esta carência. A pressão parece ter surtido efeito. No início dos anos 1990 (1992), tiveram início – às margens da Estrada da Ilha de Guaratiba – as obras que edificariam a primeira e única escola pública secundária do bairro. No ano seguinte, em julho de 1993, a unidade escolar foi inaugurada. As aulas começaram em agosto com os professores bolsistas que mais tarde se tornariam os atuais professores regentes de 40 horas que lecionam no CIEP.

Quando foi inaugurado, o CIEP denominava-se Ginásio Público 362. Depois da morte do piloto brasileiro Ayrton Sena, no mesmo ano, houve uma espécie de consenso entre os professores no intuito de homenagear o esportista dando ao CIEP o seu nome. Neste mesmo ano, entretanto, foi construído o CIEP da Rocinha, batizado como CIEP Ayrton Sena da Silva. Esse fato teria desencorajado os entusiastas que gostariam de “batizar” o CIEP com o nome do eminente piloto de Fórmula-1. No ano seguinte, no dia 04 de junho de 1994, falece o guaratibano Roberto Burle Marx – considerado por muitos o maior paisagista de todos os tempos. Assim, por meio de uma espécie de plebiscito, a comunidade escolar pôde escolher entre Ayrton Sena da Silva e Roberto Burle Marx para ser homenageado com o nome do CIEP. O resultado todos nós já conhecemos.

A escolha de Roberto Burle Marx foi muito mais apropriada, uma vez que o ilustre paisagista sempre possuiu uma relação de proximidade com o lugar. A influência de Burle Marx foi determinante para a transição entre os ramos agrícola e paisagístico em Ilha de Guaratiba. Morador da localidade, Burle Marx foi abatido por um câncer abdominal em junho de 1994, aos 84 anos. Ao morrer, deixou dois mil jardins projetados. Nascido em São Paulo e transferido com a família para o Rio em 1913, cresceu em um ambiente cercado de verde no Leme, onde desde garoto ajudava sua mãe a cultivar espécies no jardim da família. Estudante de arquitetura e pintura, o futuro paisagista seguia como artista plástico, até que o vizinho Lúcio Costa, admirado com as plantas que cultivava, o convidou para fazer o paisagismo de um de seus projetos. Foi assim que, em 1932, Roberto Burle Marx assinou seu primeiro jardim – para a casa da família Schwartz – em Copacabana, conferindo fama ao jovem de 23 anos. Seu último trabalho foi um projeto para Kuala Lumpur, na Malásia, que estava em sua prancheta quando morreu, sendo concluído por sua equipe.

Para dar conta da grande quantidade de plantas que demandavam seus muitos jardins, em 1949, o referido paisagista adquiriu o antigo Sítio Santo Antônio da Bica que hoje abriga o Sítio Roberto Burle Marx. Foi nesta área com mais de 35 mil metros quadrados, localizada aos pés da Serra Geral de Guaratiba, onde Burle Marx passou a produzir, ambientar e colecionar centenas de espécies ornamentais. Devido às muitas amizades que fez e à grande afinidade que possuía com o lugar, além da necessidade de estar mais próximo de seu trabalho, Burle Marx mudou-se em definitivo para Guaratiba em 1973, intensificando assim sua influência sobre o local.

Da mesma maneira como a produção de hortifrutigranjeiros substituiu a citricultura após sua crise nos anos 1940/1950, garantindo a aptidão agrícola dos guaratibanos, a floricultura – principalmente após 1990 – vem substituindo as tradicionais roças de Ilha de Guaratiba. Essa transição, no entanto, só foi possível devido ao prestígio e influência de Roberto Burle Marx.

Por ser apaixonado pela natureza e pelo bucolismo de suas paisagens, Burle Marx – também pintor – escolheu Guaratiba para viver, trabalhar e produzir suas telas, utilizando seu cenário natural como pano de fundo e inspiração. Foi assim que esse eclético artista produziu centenas de pinturas, magnetizado pela beleza cênica do lugar que escolheu como âncora e, igualmente, para viver suas experiências.

CONCLUSÃO

Neste breve texto, buscamos caracterizar o contexto geográfico no qual está inserido o CIEP 362 – Roberto Burle Marx, bem como um breve histórico sobre a Unidade Escolar foco do presente Projeto Político-pedagógico. Pensamos que o resgate dos saberes locais exigem (re)conhecimento das especificidades da localidade em que a comunidade escolar esteja inserida. A partir deste enlace, torna-se possível a construção de uma pedagogia onde a educação patrimonial, atrelada aos artefatos simbólicos do lugar, seja focalizada.

No mais, a construção da identidade de uma escola, de maneira nenhuma, pode desconsiderar as especificidades do lugar onde ela está inserida. Uma pedagogia do afeto – baseada na cidadania e na autonomia – só é possível quando o contexto geográfico é considerado. Como um aluno pode se sentir bem em um espaço com o qual ele não se identifica? Como uma professora pode se realizar como tal em meio a uma realidade com a qual ela não comunga? Como alguém pode valorar um processo de ensino-aprendizagem se o espaço em que a escola está inserida não nos completa? Indagações como estas nos levam a pensar em uma pedagogia centrada na geografia onde o lugar (a escola, o bairro...) em suas especificidades não pode ser negligenciado.